

monte de lixo com uma página amarelada do *Corriere*, que algum italiano enterrara de qualquer jeito, e pus uma pedra em cima. Atrás de mim, um grupo de lírios exalava um cheiro doce, dando a impressão de que alguém acabara de enfiá-los na areia. Parece uma cova fresquinha, passou-me pela cabeça. Acima, um par de pombos enamorados e, mais ao alto, um caça pregando um zíper no céu azul. Observo duas formigas, ocupadíssimas com seu trabalho, mesmo ali na praia, e, enquanto as observo, sinto-me observado. Alguém está por perto, um ser vivo persegue todos os meus atos. Sinto-o com tanta nitidez, que não me admiraria deparar com alguém, mas ninguém aparece. Desagradável e, por fim, até ameaçador. Assim, ponho-me de pé outra vez, abandono o local protegido do vento e rumo para um bosque de pinheiros, o único esconderijo possível. Lá estava o observador, preso firmemente a uma árvore, as orelhas empinadas e os olhos bem abertos, como convém a um detetive. Um burro, um maravilhoso burro cinzento, que agora, a título de cumprimento, emite um som gutural, parte grito de alegria, parte de tormento, de todo modo um sinal, produzido apenas para mim e que só eu entendi.

De volta a minha cova, puxei meu bloco de notas, no qual registrei este relato, a fim de concluí-lo. É notável: cheguei à penúltima página.

Quantas vezes eu me permitira adiamentos, sempre com a esperança de esclarecer um pouco mais meus assuntos. Mas a clareza inexistente; o que há é apenas o furto, o momento roubado. Não tenho sequer força suficiente para a capitulação. Não quero mais escrever. Também este bloco de notas deverá conter uma página em branco, uma página por si só. Logo vou colocá-lo na pasta, juntamente com uma fotografia de Stanley e de mim no *Englischer Garten*, e depositar a pasta, com uma pedra em cima, sobre uma das rochas que jazem na areia como animais cansados. A pasta deverá ficar visível para aquele que quiser vê-la.

Que a encontre alguém que se interessa por seres humanos.

O sol se levanta; logo virão os turistas em férias, preciso me apressar. Estou sentado aqui tão imóvel, que os lagartos rastejam até meu sapato, com as cabecinhas erguidas, à espreita. Agora são onze e quarenta e cinco. Ainda há espaço para uma palavra:

muito  
depois!  
Hilde/97